

UMA REVISÃO DO ESTUDO

**Conferência dada a
22 de Setembro de 1964**

Obrigado. Está bem, eu também gosto de vocês. Muito obrigado. Estamos a quantos de quê?

22 de Setembro A.D. 14, Curso de Instrução Especial de Saint Hill. Está certo?

Muito bem; a conferência de hoje é uma revisão do tema do estudo, uma revisão muito rápida, e isto não significa, se ouvirem esta conferência, bem, que nenhuma das outras precise de ser ouvida ou algo assim, porque esta conferência não necessariamente contém tudo quanto as outras contêm; mas quero dar-vos uma rápida revisão deste assunto chamado estudo.

Tenho tido a intenção de escrever um compêndio sobre isto e fá-lo-ei num futuro muito próximo, porém um compêndio como este não é um tipo de texto que realmente se faça a correr, porque se eu fizer um bom trabalho ao escrever este compêndio sobre este material que temos aqui agora... reconheçam que entra numa área onde não há compêndios, nem dados, nem tecnologia de espécie alguma, e essa área é o estudo: como estudar.

Agora, podem procurar em vão de um lado ao outro nos corredores das bibliotecas das grandes universidades, e assim por diante, um livro que simplesmente diga ao estudante como estudar. Sei que parece incrível, mas isso é tudo o que ensinam, básica e principalmente, num curso completo sobre educação, mas não têm nenhum livro sobre isso que diga como estudar. Nem sequer nos seus cursos superiores de educação dispõem de um tal compêndio. E aí estão todos esses pobres fulanos sentados numa universidade, a ouvir dizer por toda a parte que não sabem estudar, sem que exista um compêndio sobre o assunto.

Agora, o é que que supõem que vai acontecer a um compêndio desses? Se esse compêndio estivesse ali muito calmamente, ocupando-se da tarefa de dizer em que consiste o estudo e a educação e como estudar e como abordar este assunto e que grandes armadilhas contém e o que evitar e o que é um bom e mau compêndio, e toda essa espécie de coisas; se ele tomasse simplesmente o assunto, capítulo após capítulo, e explanasse tudo muito bem, sem termos complicados e dissesse incidentalmente, à medida que avançava, que se tratava de dados provenientes de um tema chamado Cientologia, onde pensam que esse livro iria parar? Provavelmente às mãos de cada estudante que entrasse numa universidade em qualquer lugar.

Os cursos sobre educação teriam que ser retirados e deitados fora porque não há um curso sobre educação. Uma das coisas erradas na educação das crianças, nos Estados Unidos actualmente, é que ninguém tem uma tecnologia de educação. É qualquer coisa da ordem de tentar reparar rádios sem ter um livro de instruções de qualquer espécie e sem sequer saber o que é. E tentar reparar um rádio nesse estado de espírito seria uma situação muito exasperante, porque a pessoa nem sequer saberia o que o rádio faria se de facto o reparasse.

Para vos mostrar que a tecnologia de educação não existe nas escolas e nas universidades, deu-se uma série de testes a crianças de diversas classes da escola. Isto passou-se em Joanesburgo, por acaso, e foram apresentados os gráficos das crianças de uma classe e da classe seguinte e da seguinte e da seguinte, de grupos diferentes, e tornou-se muito evidente que, quanto mais tempo iam à escola, mais estúpidas ficavam.

Ora, eu não conseguia perceber porque é que isso era assim, mas conseguia perceber que havia qualquer coisa desconhecida em tudo isso, visto que tal podia acontecer e ninguém fazer nada para o remediar. E realmente, estes foram os dados que emergiram daí. Por outras palavras, quanto mais iam à escola mais estúpidas ficavam.

Bem, o que é isto de "é suposto a educação tornar as pessoas inteligentes?" Ora, havia ali provas de que isso não era verdade. Havia a classe das crianças de 8 anos e elas apresentavam um certo QI e um certo gráfico, e a classe dos 9 anos com um certo QI e um certo gráfico, e a classe dos 10 anos com um certo QI e um gráfico, e a classe dos 11 anos com um certo QI e um certo gráfico, e depois de se ter passado tudo a gráficos e de se ter tido em conta que algumas dispunham de menos vocabulário do que outras, e coisas desse género, o gráfico fazia uma curva tremendamente inclinada. O QI ia a descer.

O QI mais alto que alguma vez registámos em qualquer estudante foi num rapazinho da escola, em Joanesburgo, que tinha 12 anos. Não foi em Oppenheimer nem em Einstein, vêem? Era um rapazito de 12 anos... o mais alto QI alguma vez registado. Bem, essa é uma óptima idade. Sabe o suficiente da língua para ler o teste, e não sabe tanto da língua que não o compreenda.

Assim, isto indicou-me claramente que havia algo de errado no campo da educação, se quanto mais tempo se estudava alguma coisa, mais estúpida a pessoa ficava. Bem, é claro que quanto mais tempo uma pessoa estuda algo, sabemo-lo agora, maior é a probabilidade e o número de oportunidades que tem de esbarrar com palavras que não conhece, e aí perde-se.

Bom, é apenas o facto de que, quanto mais a pessoa estuda maior é a probabilidade de esbarrar com palavras que não lhe são familiares e que não consegue definir.

Portanto, no domínio das artes, visto que são apenas os mal-entendidos que criam essa condição, no domínio das artes particularmente, e este é um domínio com o qual estou muito, muito familiarizado, o artista vulgar, o rapaz que está lá fora a ganhar o seu pão desenhando, ou usando o pulverizador de tinta ou o pincel, ou algo do género, sabem? E quer venda os quadros ao Sr. e Sra. Ricaços ou ao estúdio local, ou esteja a fazer uma exposição no passeio em qualquer sítio, isso é irrelevante. O que interessa é que esse rapaz está a ganhar a vida. Com os escritores é idêntico. Com os... oh, céus!, os poetas. Podemos mesmo incluir várias das Belas-Artes, Arquitectura, e coisas dessas. Todos esses rapazes têm certas peculiaridades que nunca compreendi completamente.

As peculiaridades eram estas: quando se passava em revista um tremendo número de escritores que eram profissionais e que estavam a ter sucesso em cada obra, não se encontrava ninguém que se tivesse diplomado num curso para escritores. Mesmo ninguém! Quero dizer, nem sequer havia a excepção que confirma a regra. Tal pessoa não existia simplesmente.

Lembro-me de estar sentado uma vez em Riverside Drive, sentado num apartamento grande e luxuoso, em Riverside Drive, Nova Iorque, e todo o apartamento, o salão inteiro deste apartamento estava apinhado dos nomes mais famosos do campo da ficção americana. Estavam ali praticamente todos, e aqui e ali, espalhados no meio deles, estavam alguns dos seus agentes, sabem, como que mantendo-se em segundo plano e tentando dar a impressão de que eram o radiador ou coisa assim. E este assunto veio à baila, não apenas o assunto da escrita, mas o assunto da educação em geral, e fez-se um recenseamento ali mesmo, e contou-se o número de cabeças, e entre esses escritores nenhum tinha completado a universidade, e muito menos Letras. Não tinham completado a universidade. Tinham sido todos postos fora, tinham sido quase todos expulsos, ou nem sequer se tinham aproximado dela, e pronto. E em seguida uma verificação adicional provou, clara e conclusivamente, que nunca nenhum deles tinha tirado um curso para

escritores, em parte alguma, com quem quer que fosse, sobre assunto algum.

Bem, isto também foi bastante surpreendente, e não é coisa que se publique numa revista literária, porque seria muito impopular para a revista por causa dos seus anunciantes e das ideias que eles alimentam, os anunciantes que vendem cursos sobre redacção de novelas e esse tipo de coisas. Por isso não é o tipo de informação que encontram escrita.

E, sabem, eu estava prestes a abandonar o assunto e a dizer: "Bem, ponto final!" porque tinha estado ali sentado a tomar notas para dois ou três entusiastas que tinham estado a seguir o assunto. E eu disse algo como: "bem, acho que já captámos bem tudo isto" ou coisa parecida, sabem?, e toda a gente começou a rir, e de repente ouviu-se uma vozinha muito fraca, vinda de um canto, que disse: "Bem, os vossos números não estão completamente correctos".

"O quê?" sabem? "O-i-o quê? Quem faliu?"

E, "Bem, eu ... eu consegui o ... o doutoramento em Literatura e um par de outros diplomas, e com ... comple ... completei a universidade e diversas outras universidades, e estudei vários cursos sobre a arte de escrever, e por aí fora, portanto isso não é verdade em relação a todos nesta sala".

Toda a gente se voltou e olhou para esse indivíduo, tentando descobrir quem ele era, e naturalmente que era um agente literário! Não era um escritor. Nunca tinha publicado uma linha em toda a sua vida. Tudo quanto fazia era estar sentado a dizer às pessoas o que estava errado nas novelas delas, mas tinha tentado ser escritor e tinha fracassado.

Então mais ou menos neste momento eu disse: "passa-se qualquer coisa de muito estranho nisto. Há uma porção de vigaristas a vender cursos sobre a arte de escrever que não ensinam ninguém a escrever". Não nomeio ninguém porque não é necessário. São todas as grandes e pretensiosas universidades dos Estados Unidos. O que se passa aqui? Bem, poderiam ser muitas coisas... poderiam ser muitas coisas.

Mas nos anos seguintes aprofundei o assunto. Fiquei tão interessado nele que o aprofundei um pouco mais e descobri que nenhum curso para escritores ensina a arte de escrever. Eles não ensinam a escrever. Não estou certo do que ensinam, mas nenhuma das tecnologias que usam e dizem ser tecnologia de escritor, é a tecnologia do escritor. Compreendem a questão? Vejam, dizem que existe este pedaço de tecnologia, mas não é essa tecnologia, estão a ver? Os escritores não *usam* esta tecnologia, ponto final!

Se algum de vocês alguma vez participou num curso de escrita, tenho a certeza de que ouviram falar em *prefiguração*, e tenho a certeza de que ouviram falar de outros truques de escrita de uma ou de outra espécie, mas os escritores não os usam. E quando os usam não lhes dão esse nome. Estão a ver isto? *Existe* uma tecnologia que os escritores usam, mas não se ensina nas universidades e não se ensina nos cursos para escritores.

Lembro-me com um horrível sobressalto, de uma vez me erguer para dar uma palestra a um grupo de autores de contos, e de estar prestes a inspirar profundamente e dizer: "Bem, minhas senhoras e meus senhores, como estão esta noite? Há alguma coisa de que vos possa falar?" Assim eu estava simplesmente... e mesmo em frente da mesa vi uma das minhas histórias, escancarada, que tinha sido usada como texto, e cada parágrafo dela tinha um símbolo estranho ou palavras escritas na margem para indicar o que eu tinha feito em cada um desses pontos.

Ora, eu teria ficado completamente feito num oito se tivesse tentado pensar em todas essas coisas ao mesmo tempo. Esta passagem era uma "prefiguração", e aquela uma "caracterização", e isto era isto, e aquilo era aquilo, estão a ver, e era um tha-tha-tha-tha-tha, e pressupunha-se que

tudo tinha sido planeado. Fiquei completamente petrificado, percebem? Dei comigo a olhar para uma tecnologia que eu nunca usara, e isto era uma pretensão, estão a ver? E ali estavam estes pobres tipos a tentar estudar a arte de escrever, vêem?

Ora bem, *existe* um assunto chamado *a arte de escrever*. Esse assunto *existe*. O problema é que os escritores são mentirosos profissionais, e quando começam a dizer às pessoas como escrevem, simplesmente vão em frente e inventam.

A dissertação mais estranha que li em toda a minha vida, penso eu, foi de Edgar Allan Poe sobre esse assunto, e está, julgo eu, em todos os compêndios de escrita de contos com que me deparei, e acho que é o Poe a explicar como se escreve. Bem, acho que é a mais maravilhosa peça de disparates que alguma vez se leu. Se a quiserem ler... eu li-a uma vez, só pelo gozo, e não se encontra nada nos seus contos que esteja de acordo com o que ele diz.

Ou querem estar na categoria de "os únicos" e reduzir a concorrência, ou fazer alguma coisa, mas nunca dizem realmente o que fazem.

Por isso não existe uma tecnologia nesta área particular, mas sim uma quantidade de pretensas tecnologias. Estou apenas a falar-vos de um campo que não é convencional, que por acaso eu conheço bem e que é um campo não codificado, que é uma das artes. E aí está esse campo, completamente por codificar.

Só quando começa a descer às aplicações técnicas, como as artes gráficas... as artes gráficas estão apenas um grau abaixo das artes, vêem? São a representação mecânica das artes. São "Como se pega num quadro, e o que se faz com o quadro para o reproduzir numa revista?" Por outras palavras, não se trata de arte criativa, mas arte gráfica.

Ora, essa tecnologia... meus caros! Meus caros! Começa-se a fazer alguma coisa com isso de uma forma um pouco maluca, ou a fazer alguma coisa um bocadinho fora do comum quanto à forma como se tiram os negativos de separação sabem, o negativo vermelho, o negativo verde, e o negativo amarelo que tem de se tirar dessa coisa para obter as três placas de impressão que irão passar pelos prelos, sabem, de maneira que cada uma se sobreponha à outra, e... *oooohhh*, meus caros!

Tem de se ter a mancha de cinzento que se pode comparar em cada um dos negativos. Tem que estar em todos os negativos, e tem que ter pelo menos 0,4 cm, e ser igualzinha segundo o densitómetro, meus caros! Aí há tecnologia, meus caros. Caramba! Há tecnologia. Há exactamente todos os factores envolvidos nisso, os vários tipos de tinta, os vários tipos de pigmentos, as várias cartas de cores, os diversos sistemas empregados. Existem todos os tipos de equipamento de reprodução baseados em linhas finas e em pontos, e meu Deus, meu Deus, meu Deus! Uau! É uma tremenda, tremenda tecnologia, a tecnologia do tipógrafo.

A tecnologia de... bem, tomemos o trabalho do retocador. Tem mais ou menos a mesma semelhança no campo da fotografia. Alguém pode pegar numa fotografia, e pegar em vários tipos de tinta, ou pastel, ou coisa assim, e pode pegar na fotografia e alterar as feições da pessoa que aparece nela, e pode fazer isto, e pode fazer aquilo. Há uma tecnologia tremenda implicada nisto. Arte aplicada, muito aplicada. Grande tecnologia!

Bem, porque é que se tem de saber isto, quando precisamente ao lado desta coisa está o primo, que é o escritor original, que não tem qualquer tecnologia codificada, que tem de facto uma falsa tecnologia, e que no momento em que essa coisa escrita, ou essa coisa pintada, transita para a reprodução e entra nos grandes canais de comunicação, passa para esse outro campo, cai numa das tecnologias mais complexas e exactas? Dá que pensar como podem estas coisas ser sequer primas.

Aqui está toda a área da escrita. Não dispõe de tecnologia. Pior do que isso, toda a gente finge que há uma tecnologia, que se a estudarmos com muito afinco, pois bem, também poderemos morrer de fome numas águas-furtadas, percebem? E logo ao lado dela, existe esta outra.

Bem, há uma certa semelhança com... mencionei o retoque. Pega-se em qualquer fotografia que seja o retrato de alguém, não interessa quem, onde, como ou porquê, muito raramente se obtém um negativo perfeito que se possa imprimir e do qual se possam tirar cópias, sabem, e emoldurá-lo ou ampliá-lo ou fazer algo com ele, e ampliá-lo, e oferecê-lo a alguém de modo que ele diga: "que bonita que está a Isabelinha!"... A foto teve de ser retocada, e todos os estúdios importantes fazem retoques. Algumas vezes retocam em excesso. Às vezes tiram-lhe praticamente todas as feições no seu excesso de entusiasmo para dar um bom aspecto às pessoas. Mas qualquer fotografia que alguma vez tiraram num estúdio, que foi ampliada e emoldurada e vos foi oferecida como peça de exposição, teve de ser retocada. Bem, o retocador não é o fotógrafo. Estão um para o outro como o duque para o mordomo, vêem? O fotógrafo é decididamente o duque. É ele que faz todo o trabalho para que se obtenha a foto, e assim por diante. Ninguém presta muita atenção ao retocador. O retocador é muito bem pago, mas está ali sentado sossegadamente a ganhar o seu salário chorudo, estão a ver?, com o seu tão exigente trabalho.

Então, o número de truques que se podem fazer no retoque é enorme, é quase ilimitado. Podem fazer-se as coisas mais loucas com o retoque. Pega-se num negativo, sabem?, pega-se num fulano que... ou numa rapariga, numa rapariga que não goste de ser roliça e pode-se pegar naquilo e torná-la magra, meus caros. E esse indivíduo que não gosta de parecer tão velho. Bem, não se lhe podem tirar todas as rugas, senão o seu carácter desapareceria, mas pode-se tirar-lhe algumas, se se for muito bom retocador, e meus caros, pode-se tirar-lhe 15 anos, estão a ver? Zás! E ele achará a foto muito boa, porque é... é claro, as pessoas que compram essas fotos são as pessoas que estão a pedir que elas sejam feitas, e naturalmente só compram as que as favorecem. Portanto todo o mundo da fotografia está, no campo dos retratos, está inclinado no sentido de fazer a pessoa parecer melhor; não mais dramática, mas melhor, porque as pessoas realmente não gostam de fotografias dramáticas, gostam de fotos bonitas.

No outro dia li uma dissertação sobre as razões por que não permitem ao público decidir como membros do júri de uma exposição de arte. E porque as únicas pinturas ou fotografias, ou o que quer que seja, que seriam expostas, teriam por tema gatinhos engraçados a cair de cestos ou usando roupas de bebé, ou criancinhas com a cara toda suja de compota e essas seriam as únicas fotos que alguma vez obteriam um prémio. E há outra tendência: se não é nítida (o público em geral tem um índice pelo qual avalia as fotografias) se não é nítida, então não presta. Bem, considerem que tiravam uma foto de mestre a um nevoeiro, a uma manhã de nevoeiro. E claro que não é nítida, mas é uma bela foto, ainda assim o público rejeitá-la-ia.

Portanto, as decisões foram completamente retiradas das mãos do público por estes motivos particulares, estão a ver? Mas os retratos nunca foram retirados das mãos do público, vejam, por isso têm que ser retocados até ao mínimo detalhe. Toda a gente tem realmente que ter uma aparência melhorada, sabem? Tssk. É de loucos! Alguns desses retratos parecem-se tanto com as pessoas fotografadas como o vizinho do lado.

Então, o que quer dizer disto? Qual é a relação? Porquê? Ora, de facto o retocador intervém quando o fotógrafo falha. Pode-se fazer tudo o que o retocador faz com a câmara e a iluminação. Pode-se fazer tudo com a câmara e a iluminação, mas quando o fotógrafo falha, o retocador recupera-a.

Bem, eles têm várias coisas... não vos quero dar um monte de nomenclatura. Não prestem

muita atenção a esta nomenclatura. São apenas palavras. Têm coisas como "portas de celeiro", um termo muito bonito e expressivo. Colocam-nas dos lados do projector para que a luz não incida na objectiva, ou para que se possa fazê-las convergir impedindo a luz de iluminar certas partes da pessoa. Além disso têm coisas chamadas "filtros de cabeça", que se colocam aqui num grande... como um quadrado de cartão, e isso diminui a luz que bate na orelha da pessoa, vêem? Pode-se inclinar a extremidade do cartão de forma a que a orelha da pessoa não seja bem iluminada. Digamos que o indivíduo tem as orelhas demasiado grandes, percebem? Bem, pode-se pegar nessa sombra e pô-la mesmo em cima da orelha, vejam, e a orelha dele parecerá menor.

Ilumina-se bem qualquer parte a que se queira dar ênfase, é esta a fórmula; as partes a que não se quer dar ênfase, pois bem, deixam-se ficar na penumbra, e aquelas que se querem praticamente suprimir da foto, bem, tira-se-lhes toda a luz e elas desaparecem.

E porque a fotografia... é claro *foto*: luz, *grafia*: escrever é apenas escrever com luz, e quando se escreve bem com a luz obtém-se uma foto perfeitamente retocada. Pode-se voltar as pessoas para certas posições que as tornam muito mais magras. Podem-se fazer os narizes mais compridos, e podem-se fazer as testas com pouca profundidade e os queixos deixarem de ser proeminentes, e por aí fora. Naturalmente que, com a mesma facilidade, pode-se tornar uma pessoa de maxilares largos numa de queixo estreito e assim por diante. Pode-se fazer toda a espécie de coisas fantásticas.

Mas quando o fotógrafo não faz o seu trabalho, pois bem, então alguém tem que intervir e corrigi-lo, e é aí que toda a tecnologia se desenvolve. E a tecnologia desenvolve-se na área da correcção.

Por isso acho que descobrirão que no campo... (esta é uma afirmação muito geral e poderá estar sujeita a muitas modificações) em qualquer assunto pesadamente técnico, que é muito, muito, muito técnico, penso que a tecnologia se desenvolve em torno de uma área de correcção. Consiste na insatisfação com qualquer coisa e na correcção dessa insatisfação. Estão a seguir-me agora?

Muito bem, o fotógrafo não faz o seu trabalho. Não põe o filtro de cabeça correctamente, e por isso as orelhas do indivíduo parecem umas orelhas de burro, vêem? Ora, muito bem, ninguém vai comprar esta foto, por isso quando a coisa estiver terminada e assim por diante, bem, quer dizer, quando estiver revelada, não completamente acabada, e está nas folhas de provas e assim por diante, eles nem sequer lhe mostrarão as provas.

Nem sequer mostrarão as provas ao cliente. O retocador pega nessa coisa e reduz aquelas orelhas, e suaviza aquelas orelhas e faz a coisa parecer melhor e eles tiram nova prova. Em seguida mostram-na ao cliente e ele fica muito satisfeito com ela. Correcção. Correcção.

Pode-se dizer que quando a coisa não é bem feita desde o início, tem de ser corrigida, e onde ela vai ser corrigida, surge uma grande quantidade de tecnologia. Estão a seguir isto?

Muito bem, se tivesse sido bem feito, então não haveria mais tecnologia, mas quando é bem feito, ter-se-á então alguma coisa a avançar muito suavemente e muito facilmente e com a qual é muito fácil de lidar, se estiver a ser feita de forma correcta. Por outras palavras, se se possuísse, logo de início, a tecnologia de como fazer isso, tudo se moveria suavemente a partir desse ponto.

Mas digamos que há um montão de tecnologia que falta neste ponto, ou que não é conhecida, ou que não éposta em prática, então vamos ter uma tecnologia muito pesada e complicada a surgir exactamente do outro lado desta coisa, que vamos chamar um assunto de escala inferior, e que será apenas um assunto dedicado totalmente à correcção do assunto de escala superior. Sempre que se tem uma tecnologia tremendoamente pesada, é unicamente por razões de correcção.

Por outras palavras, baseou-se na correcção... alguma coisa tinha que ser corrigida neste caso. Não estava a funcionar bem desde o princípio.

Agora, entremos no assunto dos corpos. Tomemos um pouco... uma linha finita. Muito bem, o fotógrafo não fez bem o seu trabalho e por isso tivemos que o passar para as mãos do retocador. E o retocador teve de rever todo o negativo, remover partes dele, fazer isto e aquilo antes de o imprimir e assim por diante. Bem, não fiquemos por aqui.

Avancemos um pouquinho mais, e que tal construir estes corpos? Bem, alguém não os construiu correctamente se as pessoas estão tão descontentes com eles. Há alguma coisa de errado aqui, e estou simplesmente a chamar a vossa atenção para este facto: não há nenhuma tecnologia conhecida nesta área. Há os geneticistas, há toda a espécie de "Coma Wheaties (cereais)", há vários tipos de tecnologia falsa, mas, com franqueza, existe esta ideia freudiana da segunda dinâmica, e assim por diante, mas nada disto tem a ver com a tecnologia de fabricação de corpos. Não sei o que a segunda dinâmica tem a ver com a fabricação de corpos. É apenas por estarem ligadas e se sucederem numa sequência inevitável, mas uma não deriva necessariamente da outra, percebem?

Bem, o que é tudo isto? E estamos num campo de conhecimento totalmente desconhecido, não estamos? E existem muitas superstições falsas e outras coisas ligadas a ele, por isso houve um certo tipo em Viena em 1894 que podia dizer: "todo o problema da raça humana reside no facto de não dispor de tecnologia para construir corpos", ou "compreenderam tudo às avessas" ou coisa parecida, sabem? "Há alguma coisa de errado", percebem?

Freud, então, construiu a psicanálise, que se tornou muito popular. Não é eficaz, é popular. Vejam, dependia do ciclo de comunicação do analista, quer ela fosse boa ou má, não da teoria de Freud. Surpresa! Se tivéssemos um bom analista que soubesse comunicar com o paciente etc., então, alguém melhoraria. Ainda assim era accidental: eles nunca estudaram a tecnologia de comunicação, não sabiam coisa alguma acerca disso, e pensaram que estavam a lidar com a segunda dinâmica. Mas não estavam.

Curioso, pode-se ler as notas de Freud e observar-se-á que cada vez que o fulano se libertava de um overt, restabelecia-se, e sabem que Freud nunca notou isso? Sabem, isso é mesmo notável. Está enterrado nalguma parte das suas notas, porque não lhe é dada ênfase, e em seguida são dadas razões erradas para a recuperação. Isto torna muito difícil de voltar a localizar o que realmente acontecia nesta área particular. Não é nenhum cavalo de batalha tentar aplicar Cientologia a isso. Este é um dos sítios onde obtivemos a tecnologia sobre o overt. Parecia haver um destes presente em cada recuperação. Um overt revelado e uma recuperação pareciam estar estritamente ligados. Por conseguinte, um estudo posterior desta zona e área particulares ocasionou um ressurgimento de tecnologia neste campo particular, e a importância disto pôde manifestar-se.

Muito bem, mas vejam isto. Vejam isto. Aqui está o único ponto a que quero chegar, embora de maneira bastante indirecta, isto para que tenha mais impacto, para vos mostrar que há uma história por trás com o objectivo de fazer-vos compreender isto um pouco melhor. Compreendem agora que toda a educação, tal como ela é praticada hoje, consiste numa tecnologia correctiva complexa? É uma tecnologia correctiva. Não é educação de modo algum. Vejam, não há um esforço para transmitir uma ideia do ponto A para o ponto B, ou da mente A para a mente B. Vejam, existe contudo um esforço para inibir o indivíduo, ou para o manter a persistir de uma certa forma, ou para fazer isto ou aquilo. Por outras palavras, o sistema educacional é construído à volta do facto de que a educação já fracassou.

Por isso temos esta tecnologia fantástica, e um pobre diabo pode ir à escola durante anos e

anos para aprender a ser professor, e tudo o que ele aprenderia seria aprender a corrigir correcções.

Ora bem, não é que esses dados sejam inúteis. Quando uma locomotiva descarrila, deveras que é muito bom saber manobrar um comboio de socorro que a ponha de novo nos carris. É uma tecnologia muito complicada, mas uma coisa muito útil para se saber. Mas isto não faz com que a tecnologia dos caminhos-de-ferro seja somente repor os comboios nos carris quando descarrilam para alguma vala, porque a actividade de caminhos-de-ferro bem feita tem os comboios sempre em cima dos carris! Isto só se aplica quando há alguma falha nessa actividade de caminhos-de-ferro.

Bem, então que se passa com a educação em que os estudantes se estão a suicidar por toda a parte, como acontece em França, e por aí fora? Não sei o que é que isto tem a ver. A educação está de uma maneira ou outra ligada à sobrevivência, ou coisa assim, e eles perceberam tudo ao contrário e de forma cruzada. E os pobres estudantes lá em França apresentam-se para fazer exames e começa-se a fazer a chamada: "Pierre", sabem?

"Oh, morreu", e assim por diante. "Tomou cianeto a noite passada. Já não podia confrontar mais...".

E têm uma taxa de suicídios muito, muito elevada porque, aparentemente em França, se o aluno não passa neste tipo particular de exame, ou coisa parecida, executam-no de qualquer forma. Acho que, se é executado socialmente ou coisa assim, e a França já não tem colónias para onde deportar as pessoas, por isso têm que ficar em casa em desgraça total ou coisa assim. Acção correctiva!

Bom, pensem na quantidade de força e coacção que devem ter sido exercidas sobre esse estudante. Força terrível, disciplina terrível e pesada! Para quê? Bem, para o manter a persistir e obrigar-lo a estudar para os exames. Ora, não sei, nunca tive nenhuma dificuldade em fazer alguém estudar alguma coisa em que essa pessoa estivesse interessada.

Por isso penso que se tanta coacção pode existir num campo de tal forma que leva os estudantes ao suicídio... (e com muita frequência em Inglaterra e nos Estados Unidos os estudantes ficam loucos, e assim por diante), se há tanta coacção para os levar a aprender, então eu diria que se trata de uma espécie de tecnologia correctiva que entra neste campo com tanta força, apenas porque... ela entra neste campo apenas porque os estudantes não perceberam nada desde o princípio.

Então, que espécie de coacção faria o Joãozinho aprender o que é B, quando ele já não tinha percebido o que era A? Bom, vocês estão a ficar habituados a estas coisas ao manejá-las com definições e coisas desse tipo, e estou aqui a falar para um grupo bastante informado. Suponhamos que surge alguém para fazer um exame dado por vocês, e vocês estavam a dar-lhe um checkout e assim por diante, e ele ficava preso no segundo parágrafo. Não conseguiam passar do segundo parágrafo, parecia que ele não se lembrava de coisa alguma do segundo parágrafo, e por aí fora. Bem, a vossa tecnologia agora diz que vocês deveriam ir atrás e procurar um pouco antes para encontrar a palavra que ele não comprehendeu. E de certeza que encontrariam uma, isto é, imediatamente antes de ele ficar em branco. Por outras palavras, imediatamente antes de ele ficar em branco houve uma palavra que ele não comprehendeu. Quando se recua até à origem encontra-se esta palavra, faz-se com que se defina e se capte correctamente a palavra. Imediatamente, como por magia, ele comprehende o parágrafo.

Ora bem, suponham que não corrigiam a palavra, e suponham que lhe diziam que ia ser expulso se não aprendesse esse parágrafo. Agora suponham que agravavam isto com cerca de

dez... algo entre dez e cinquenta mil instâncias dessas e textos, e faziam o mesmo todas as vezes. Eu diria que tínhamos aí uma explicação adequada da razão pela qual a criança de 9 anos é mais pateta do que a criança de 8, a criança de 10 é mais estúpida do que a de 9, a criança de 11 é mais estúpida... vêem?

Por outras palavras, esta quantidade de coacção tornava-se necessária porque ninguém alguma vez teria compreendido coisa alguma, eles não teriam sido educados de modo algum e talvez seja melhor que nada, talvez. (Pelo meu lado não acredito, mas poderia considerar-se isso dessa forma. E se cada vez que esse indivíduo se deparasse com uma dificuldade, lhe aplicassem simplesmente a bota de chumbo, ou a tenaz, ou a gaiola metálica cheia de ratos, ou alguma outra interessante tortura medieval, e lhe dissessem: "Pois, se não aprendes o parágrafo seguinte, estás feito, amigo", então, o que pensam que acabaria por lhe acontecer? Bem, ele ficaria num belo estado, não acham?)

Ele afastar-se-ia muito da ideia do que estava a fazer. Ficaria muito longe do assunto, e estaria certamente a tratar o assunto como qualquer coisa de inteiramente diferente. Sabem?, diria: "bom, existe esta matéria chamada Física, e eu estou apenas a tentar fixar estes pesos aqui, e, obviamente, isto é Física e não tem nada a ver com este par de pesos que estou a tentar fixar neste balcão". Terminaria numa não aplicação.

Haveria um... ele teria que fazer um curto circuito. Teria que tirar toda essa coacção do seu perímetro. Teria que afastar todas essas coisas do seu círculo de compreensão, teria que mover isso totalmente para qualquer sítio e teria que realmente o esmagar e suprimir, e dizer: "pois, que vá tudo para o diabo. Tenho que tomar a minha própria decisão quanto a isto", ou: "tenho que seguir o meu próprio caminho através de tudo isso", estão a ver? Faria dele próprio um "único" em relação ao assunto e à informação. E em vez de o ajudarem, vocês ter-lhe-iam tirado toda a informação que o poderia ter ajudado. Por conseguinte eu diria que a educação moderna está a fazer com que as pessoas não consigam utilizar a sua formação.

Ora, isto, então, deve indicar que é de esperar um declínio do QI a seguir a uma palavra mal entendida. Isso parece completamente absurdo, mas é de esperar que quanto mais tempo passa depois dessa palavra mal entendida e mais necessário se torna ter conhecimento dela, mais estúpida a pessoa fica. Percebem?

É claro, nós temos todas as correcções para isto, e assim por diante. Temos trabalho na mesa de plasticina, clarificação, definições e todas essas coisas actualmente, por isso falamos do ponto de vista de considerável saber. Porém estou apenas a tentar mostrar-vos como o mundo deve parecer.

Aqui temos engenheiros a construir arranha-céus. Meus caros, depois de ter aprendido tudo isto sobre educação, e assim por diante, espero que eles tenham sido construídos pelo capataz que nunca pôs os pés perto da universidade, porque de outra forma teria receio de que me caíssem em cima, teria receio disso. Acho que não teria muita confiança nesses arranha-céus. Notei uma peculiaridade neste campo em particular, a de se tornarem irreais ou de serem como que vingativos em relação ao assunto, ou de fazerem coisas estranhas, ou de actuarem negligentemente quando se aproximavam da sua área de treino.

Ora bem, há aqui outro dado: em que aspectos o Estado sofre devido à má educação? Como é que o Estado sofre devido à educação deficiente? Bem, existe um país, não sei se já ouviram falar nele, chamado Rússia, que ficou de rastos há vários anos, e que importou uma filosofia alemã chamada comunismo... e divertiu-se à brava. E no entanto tem tentado avançar e tem tentado chegar a algum lado e assim por diante. Teria provavelmente avançado com a mesma rapidez do mundo ocidental se não tivesse adoptado uma filosofia estranha e alterada. O mundo

ocidental avançou exactamente a mesma distância, e uma distância ainda maior, no mesmo período de tempo. Vejam, eles também não estavam mecanizados em 1917. Eram bastante fracos.

Se não me acreditam, vão a um desses museus de automóveis, e por aí fora, olhem para o material do modelo de 1917. Bem, isso é um carro russo moderno. Não quero ser mordaz, mas eles copiaram um jipe. Tiveram muitos jipes por lá durante a guerra e copiaram-nos.

Mas estão bastante desactualizados. E o que estão a tentar fazer na Rússia é espalhar uma civilização num mundo asiático muito, muito, muito atrasado. A Rússia é basicamente asiática, e não ocidental. E eu diria que, apesar de todas as suas desvantagens, políticas e outras, estão a fazer alguns progressos de uma ou de outra espécie, e dispõem de uma extensão de território virgem fabulosa onde se expandir. Têm toda a Sibéria onde difundi-la, e estão realmente num estado de uma espécie de país pioneiro. Houve quem dissesse: "bem, eles estão realmente a entrar na sua Era Vitoriana", e imagino que assim seja. Estão muito atrasados. Têm quase um século de atraso em relação aos outros. Oh, lá porque a Grã-Bretanha lhes vende umas máquinas e eles mudam as etiquetas e as exportam para o Japão como máquinas agrárias russas ou coisa assim, não significa que sejam bons neste sector. Não o são.

Esses rapazes vêm-se perante uma fronteira vastíssima, e têm a fronteira da ignorância, e a fronteira disto e daquilo. Têm grandes zonas não cultivadas; têm milhões e milhões de pessoas atrasadas, ignorantes, com as quais tentar fazer alguma coisa, vêm? Os problemas deles são fantásticos! Estão a tentar resolvê-los com educação, e aqui está o resultado das suas soluções para a educação. É claro, podem imaginar um comissário russo a actuar sobre um estudante russo. Bastante horrível.

E os números são estes: que no treino prático de um grande número de estudantes, em que o seu treino foi inteiramente custeado pelo governo e pela indústria que os treinou para assumirem futuros postos-chave dentro dela, 100 por cento deles abandonaram no fim do período de treino prático, que era de dois ou três anos. Cem por cento, que não exerceram mais qualquer função nessa fábrica ou nesse ramo de actividade. Noutra fábrica e área (trata-se de uma fábrica específica) noutra fábrica, *dois* entre vários milhares ficaram na fábrica. E estes não são apenas números seleccionados. Estas são as estimativas, com cobertura ampla, obtidas para a totalidade da Rússia.

Estas são pessoas jovens que foram educadas sob coacção comunista, e que foram transferidas para uma fábrica a fim de receberem treino prático e assumirem postos futuros nessa fábrica. E no fim desse período, em virtude de as coisas lá serem mais suaves actualmente, tiveram algum poder de escolha sobre o que fazer em seguida, e todos eles saíram. Isto foi o exercício do poder de escolha.

Bem, se conhecem a educação, e agora conhecem a nossa tecnologia de educação, verão imediata e exactamente o que deve ter acontecido. Lá muito atrás, no jardim-de-infância ou em alguma parte, a paixão comunista pela reavaliação das palavras apanhou-os. O truque favorito dos comunistas não é alterar o vocabulário das pessoas, mas fazer com que ele signifique outra coisa. Mudam o sentido das palavras, por isso tudo soa familiar. Um belo dia a pessoa descobre que aquela palavra significa outra coisa completamente diferente. Dou-vos um exemplo geral disto: *1984*, de Orwell, as maravilhosas alterações de semântica, as alterações do sentido das palavras, que havia em *1984*. "Liberdade é escravidão", sabem?

Ora bem, até Roosevelt entrou nisso. Tivemos liberdade por muito tempo. Toda a gente sabia o que significava *liberdade*. Roosevelt, alterou o termo para "liberdade de". Tínhamos de ter "liberdade de" alguma coisa. Esta era a liberdade pela qual estávamos a lutar. Estávamos a lutar por "liberdades de". Bem, isto é uma forma interessante de olhar para ela. "Liberdade de", então,

significa ter que lutar contra alguma coisa, portanto não é possível estar-se livre disso. *Liberdade* significa liberdade. Não quer dizer enfrentar alguma coisa e empurrá-la para longe, ou termos a preocupação de que nos pode apanhar de novo, ou coisa parecida, ou trabalhar de dia e de noite para que isso não nos aconteça. Isso não é liberdade. Portanto aqui está uma alteração de semântica.

Bom, a Rússia, naturalmente, tinha a sua população asiática, uma massa imensa de pessoas, 200 milhões, uma das maiores populações da Terra num só país, toda dividida em grupos linguísticos diferentes e com costumes diferentes e assim por diante. Colocou-se numa posição de influência e teve que mudar tudo para poder alinhar as coisas e levá-los a trabalhar juntos e teve que reavaliar todas as suas palavras. De maneira que em 1964 verificamos que perdeu a sua revolução. Como é que perdeu a sua revolução? Pois bem, treina alguns milhares de jovens para assumir o controle do Projecto do Rio Pujas, jovens esses que assumirão os cargos executivos e serão os grandes senhores do projecto, e poderão, por sua vez, deslocar-se em Fords Modelo T. E no fim do treino prático todos eles abandonam o Projecto do Rio Pujas. Isso significa que vão ficar sem pessoas para dirigir as coisas.

O material de que dispomos agora em Cientologia, por estranho que pareça, foi de grande interesse para o velho Estaline, porque farejou algo nos estudos que eu estava a realizar. E estive em contacto com a Amtorg em 1938. E todo o assunto de... era: "como se avalia a capacidade de trabalho de uma pessoa? Como se pode descobrir que pessoa produzirá mais que outra pessoa?" E eu estava nesse momento envolvido num estudo disso, e dispunha de alguns dados bastante reveladores relativamente ao assunto. Estava extremamente satisfeito com esse conhecimento e a coisa espalhou-se no Clube dos Exploradores. E logo a seguir, eu estava a recuar a toda a pressa, tentando manter o pé fora do barco que me conduziria à Rússia para falar de tudo isso com Estaline.

Ele tinha problemas. Tinha preocupações em 1938, um montão de preocupações. Estava à procura de ajuda fosse de onde fosse. Mas qual era a tecnologia que lhe faltava? A tecnologia que lhe faltava era: "como se levam as pessoas a compreender alguma coisa, e como se levam as pessoas a fazer coisas?" Estas eram as suas áreas de incomprensão. Como se levam as pessoas a compreender coisas, como pô-las a fazer coisas?

Bom, ele pensava ter resolvido "como levar as pessoas a fazer coisas?". Coloca-se uma quantidade suficiente de metralhadoras em frente de uma quantidade suficiente de muros e dão-se-lhes bastantes exemplos, e elas trabalharão. O problema é que não se pode continuar a fazer isso para sempre. Mais tarde ou mais cedo deixa de funcionar.

Ora bem, quando se começa a proceder assim ao longo do processo educativo, depressa se fica sem pessoas educadas. Elas tornam-se cada vez mais estúpidas e mais estúpidas e mais estúpidas e mais estúpidas. De tal modo que penso que a destruição e suborno das classes ociosas e superiores em Inglaterra não se deve a nenhuma revolução política. Acho que foram educadas até à exaustão. Acho que de facto se tornaram demasiado estúpidas para manter a sua posição. Dá que pensar, hem? Quer dizer, como classe foram educadas até à exaustão. Toda a gente tinha que frequentar a universidade.

E claro, o que é que daí resultou? Resultou que ficou uma quantidade de povo (dos comuns) que não tinha que ir para a universidade, e portanto não interessava a linhagem e coisas do género. Resultou que esses indivíduos, que ficaram de fora, ficaram mais espertos do que os que estavam dentro, por isso os que estavam dentro perderam. Quero dizer, não é preciso muito esforço para compreender isto. Deve ter sido isto o que aconteceu.

Portanto, podemos chegar a outra conclusão; podemos chegar a outra conclusão em relação

a isto. Poderíamos dizer, então, que a continuação de uma cultura depende inteiramente de possuir uma tecnologia de estudo. A Rússia vai perder a sua!

Temos o exemplo da classe superior de Inglaterra que passou por Oxford e acabou no esquecimento. Temos exemplos à nossa volta de mudanças na face da Terra, e assim por diante, e isso depende basicamente das pessoas... o futuro da raça humana depende, por estranho que pareça, das pessoas. E se não fizermos pessoas que sejam boas, teremos problemas.

E no campo do estudo, se não dispusermos de uma tecnologia de estudo, então a pobre criança que vai para o jardim de infância e começa a esbarrar com coisas incompreensíveis, e que depois ainda é ameaçada de chumbar ou de ser fuzilada, ou o que quer que façam às crianças nos jardins de infância, se não empilham os seus cubos na pilha certa, passa para a primeira classe, e aí mostram-lhe a palavra *gato* e ela diz *tago*, e toda a gente faz um ar de consternação, o professor passeia para trás e para diante na sala de aula, escreve notas aos pais, o pai vai-se abaixo, e põe as mãos na cabeça durante meia hora, vêem?

Este é o procedimento standard aceite, vêem? "Que vai ser de ti?" sabem? Esta é a pergunta que é deixada no ar, percebem? "Nunca triunfarás na vida", e toda essa espécie de coisas. Porque é que têm que pôr tanta coacção nisso? Bem, é porque não sabem ensinar a criança a ler "gato" em vez de "tago".

Portanto, temos esta terrível pressão cultural, temos uma quantidade de tecnologia cultural sobre: "como manter uma criança na linha" Depois contratamos uma força de polícia completa por todo o país para tentar reprimi-la quando chega à adolescência, e então temos muito divertimento, depois disso. Temos os Mods e Rockers e assim por diante, temos isto e temos aquilo. Bem, obviamente que estas pessoas foram até essa altura cuidadosamente ensinadas que não fazem parte de coisa alguma, e é assim que se comportam. Comportam-se como se não fizessem parte de coisa alguma, não possuíssem nada, e é assim.

E muito interessante observar um rapazinho que foi catapultado para uma situação em que teve de assumir a responsabilidade de cuidar de uma família, ou coisa parecida, aos 10, 11 ou 12 anos de idade. É muito interessante observá-lo. Hoje é possível, apesar das leis relativas ao trabalho infantil, encontrar ocasionalmente um espécimen desses, e não se parece nada com o adolescente moderno, *nem virá* a parecer-se, porque já teve que meter mãos a essa coisa chamada vida, vejam, e avançar como lhe foi possível, e não teve tempo, não dispôs de todo o tempo necessário para estar sentado na escola a tornar-se estúpido... e é susceptível de ser muito bem sucedido na vida, ou pode-lhe acontecer inesperadamente qualquer coisa assim fantástica.

Estão a tentar impulsionar a lei e a ordem enquanto nas escolas trabalham para criar actividades ilegais e desordem. É isso que estão a fazer nas escolas, e a última pessoa neste mundo a tomar qualquer responsabilidade por isto seria a Stôra Caixa de óculos da Escola Primária N° 18. "Bem, fazemos simplesmente o que podemos", parece que a estamos a ver, percebem? "Fazemos simplesmente o melhor que podemos".

Céus! Porque não penduram uma tabuleta na porta a dizer: "Fábrica de Delinquência Juvenil"! Está bem. Portanto, uma vez mais temos esta experiência em Dianética e Cientologia, nesta área de trabalho, uma vez mais temos a experiência de colidir com uma zona ou área da sociedade em que existe uma pretensa tecnologia, quando na verdade não há nenhuma. Não se trata apenas de estar ausente. Trata-se de haver uma tecnologia falsa instalada no seu lugar.

Contudo, não penso que venhamos a ter muitas colisões com ela. Não penso que vá haver muita perturbação, embora possa prever que haverá alguma. Tudo quanto escrevermos sobre este assunto, mais tarde ou mais cedo vai ser contestado num lado ou outro, mas não se trata de um campo codificado que dê muito dinheiro. O ensino não é realmente uma área de interesses

privados porque não produz lucros suficientes, e essa é mais ou menos a única razão.

A Medicina, porém, é uma área de interesses privados, e as drogas são uma área de interesses privados, porque alguém está a ganhar dinheiro com elas. O império das drogas, no valor de muitos biliões de dólares, e o império da cura, e assim por diante, serão defendidos até ao último estetoscópio, percebem? Esses indivíduos estarão por aí, e vocês ainda... quer dizer, daqui a 20 ou 30 anos ainda haverá um indivíduo a tentar criar problemas, sabem? A fazer: "Grr, grr, grr!"

E então vocês dirão: "bem, não compreendes alguma palavra da área da cura".

"Oh, sim, eu comprehendo todas as palavras relacionadas com cura". "Então não comprehendo alguma palavra em Dianética e em Cien...?" "Oh, sim, comprehendo todas as palavras em Dianética...". "Então que diabo se passa contigo?"

"Estou falido!"

Ora bem., o professor ganha pouco, e o empreiteiro da escola não se preocupa com o que se constrói nesses edifícios para cuja construção foi contratado, e o Estado não gosta realmente de esbanjar tanto dinheiro porque as crianças não votam. Não é uma área onde se possam comprar muitos votos. Podem comprar-se os votos dos pais até certo ponto, mas as pessoas nunca relacionam realmente a escola com a administração. Desligam-nas sempre, de uma forma ou de outra. Por isso não temos de enfrentar grandes interesses privados, e acho que toda a área poderia ser simplesmente devorada porque ninguém jamais a considerou como uma área lucrativa.

Nós não estamos a encará-la como área lucrativa, mas eles não a defenderão porque não a consideram uma área lucrativa. Se a Medicina fosse muito menos lucrativa actualmente, não teríamos dificuldade em tomarmos o campo da cura. São apenas os interesses pessoais na área que mantêm a oposição agitada. Não digo isto com amargura, é uma afirmação perfeitamente reflectida.

Não existe tal área no campo da educação, por isso penso que um compêndio correcto que trate o assunto do princípio ao fim, rat-a-tat-tat, e não critique e não deite ninguém abaixo, sabem?, mas apenas avance e tome todo o assunto desde o princípio e o leve a cabo, ora, vai ser bastante difícil fazer o capítulo de como se pode reduzir o QI de uma pessoa, porque alguém se pode sentir acusado, mas penso que isso não se poderá deixar passar por alto, porque se trata de uma peça de tecnologia que terá que ser apresentada, mas pode ser apresentada com bastante suavidade para que as pessoas não ataquem esse ponto.

E mal damos por nós, bem, estaremos noutra actividade. Mas não é outra actividade de que alguma vez tenhamos estado ausentes. A nossa parte da actividade é tornar as pessoas mais espertas, estão a ver? Dar processamento às pessoas, torná-las Clear, esse tipo de coisas, bem, isto assenta como uma luva neste tipo particular de actividade. Além disso temos os Cientologistas para ensinar e por isso precisamos da tecnologia, e foi essa a única razão pela qual a tecnologia foi desenvolvida, para começar: simplesmente tornar mais fácil ensinar mais Cientologistas, foi por isto que ela foi desenvolvida. Mas irá mais longe do que isso, verão.

Bom, se não tomamos alguma responsabilidade sobre até onde ela irá, arriscamo-nos a meter-nos em mais dificuldades do que se a publicássemos apenas e nos esquecêssemos dela. Por conseguinte, não vou publicar um livrinho sobre o assunto. Tenho que publicar um texto definido, e acho que vocês descobrirão gradualmente, à medida que isto começar a avançar, que na vossa área vos será necessário estabelecer a possibilidade de os professores se reunirem num Sábado e Domingo, ou coisa assim, para escutarem umas conferências sobre o assunto. E penso que isto tenderá a manter-se como que separado e distinto de tudo o mais que estão a fazer. E dirão com uma voz fraquinha: "Bom, sabem, podemos elevar o QI das pessoas".

"Oh, sim, sim. E o que foi que disse acerca de...?" seguindo-se uma pergunta educacional, vêem?

Vocês dirão: "ora vejam, podemos dar processamento às pessoas para..." E a resposta será: "Sim, está bem, mas agora, ao ensinar uma criança, você...?"

E vocês pensarão: "Que diabo! Para que lado é que salta este tipo?" Bem, acho que finalmente verão para que lado salta o tipo, e que o que eles querem é saber tudo sobre educação. E fariam bem em deixá-los percorrer esse caminho da educação até ao fim antes de começarem a mostrá-los que na realidade entraram no campo da filosofia.

E penso que eles não poderão ir por um caminho diferente, porque na educação o que estamos realmente a estudar é a diferença entre o Nível 0 e o Nível 1, e o que se encontra aí é a faixa chamada educação. Foi isso que foi estabelecido aqui e que é importante para nós íntima e imediatamente. Todas as outras ramificações, todas as outras complexidades da educação não são extremamente importantes para nós.

Portanto a sociedade russa não será capaz de se perpetuar. Receio que isso me faria bocejar tanto que me deslocaria o maxilar. Portanto ela não se perpetuará na história. Que pena! Oh, é terrível! Os diversos outros regimes políticos, e assim por diante, não estarão ao seu lado. Receio que simplesmente... que o meu estado de espírito em relação a esses tipos, receio bem que eu nem sequer apanharia a sombra deles se a deixassem cair. É que eles simplesmente *não* são importantes.

Porém, as pessoas são importantes e os seus sistemas não o são. Bom, quando os seus sistemas são construídos sobre mentiras, esses sistemas têm por isso de ser destrutivos. E todo o sistema educacional, segundo eu o vejo, de coacção total, de total esmagamento do indivíduo, devido ao facto de ser um sistema cheio de mentiras, é praticamente a coisa mais destrutiva que se pode ter. Acho que seria muito difícil ter de viver com uma coisa dessas. É certamente incorrecto, é errado.

Mas vocês vão encontrar-se metidos nesta actividade, e a única questão que estou realmente a levantar aqui é que não considerem, porque não podem falar às pessoas de processamento quando elas estão ocupadas a estudar o estudo, não considerem então que as levaram para outro campo. Reconheçam que as estão a empurrar desde o topo de Zero até à base de Um. Reconheçam que este é um passo necessário. Estas pessoas não são suficientemente espertas neste momento particular para ao menos se sentarem e interrogar-se sobre como surgiu esta tecnologia. Sabem, elas dão-lhe uma importância completamente diferente.

Desta forma, chegamos e falamos a um grupo dizendo-lhe: "bem, o estudo é isto e isto e isto e isto, e o QI dos vossos filhos pode ser aumentado com o estudo, e não diminuído", e: "podem ter filhos mais inteligentes", ou coisa assim, ou: "a escola pode funcionar com menos problemas", ou ainda, para um grupo de policias: "a delinquência juvenil é causada pela má educação. Uma educação correcta diminuirá a delinquência juvenil".

Tudo isto soará aos ouvidos deles como boas estradas e bom tempo, e eles ficarão muito felizes por cooperar neste ramo particular, etc. E não precisamos de dizer mais nada. Eles não se interrogarão realmente sobre "como raio é que esta pessoa sabe tudo isto? Sim, de onde vêm todas estas informações? Afinal o que é isto?" a não ser, é claro, que estejam com uma quebra de ARC total, e essa está situada no outro extremo. Mas nunca lhes ocorre perguntar inteligentemente: "ah, que parte da informação, etc.? O compêndio diz, do princípio ao fim, que isto faz parte de um corpo de informações chamado Cientologia. Mas, no entanto, diz apenas "Cientologia", e toda a gente sabe o que é Cientologia. É obviamente um estudo da ciência, naturalmente, a verdade... e esse tipo de coisas, etc., etc. duh, duh, duh, duh. . . "Vejam, eles nem sequer iriam pensar nisso.

E porque é que eles não pensam nisso? Bem, quero que vocês vejam este pontinho: Eles não são capazes de pensar em coisa alguma! Percebem? Admiram-se de que um tipo com uma venda nos olhos não possa ver, vêem? O que vocês não reconhecem neste indivíduo é a coisa mais fundamental que existe nele, e é que não vê mesmo nada.

Assim vocês interrogam-se: "porque é que o João e o Pedro não vêem isto e aquilo e aquellooutro?" Vejam, estão a fazer a vocês próprios uma pergunta demasiado complexa. Vejam, vocês perguntam a vocês próprios: "porque é que o João e o Pedro não vêem isto e aquilo e aquellooutro? E porque discutem sempre, continuamente, etc., etc.?" Bem, vocês mesmo estão a ser demasiado complexos com a vossa pergunta. A vossa pergunta baseia-se no facto de não reconhecerem que eles *não podem ver*. Estão a seguir-me?

Estão a tentar estender a pergunta: "porque não podem ver *uma coisa*?" Bom, a questão básica é: "porque não vêem eles nada?" Ora, não vêem absolutamente nada porque foram treinados em estupidez, e vocês estão a falar com cegos, é tudo. Então, como é que se fala com um cego? Ora, falam com o máximo dos cuidados! Tornem-se peritos nisso.

Sabem que este fulano é cego, portanto vocês... claro, ele está ali sentado e não vê coisa alguma, e estão a tentar falar-lhe do roseiral que vêem pela janela. Bem, não lhe diriam: "ora, seu burro idiota! Porque não olhas pela janela para o roseiral que está lá fora?" Pois, vocês não diriam isso a um indivíduo que não vê nada. Percebem, não fariam isso.

Teriam que reflectir, vêem? Teriam que dizer: "bem, ali à direita há umas janelas. Possivelmente sentes a corrente de ar frio que entra de vez em quando. Bom, vem dessas janelas, e há luz que torna as coisas visíveis e que aparece para que se vejam as coisas que estão por trás das coisas. Como por exemplo, juntas as tuas mãos, assim. Então, a luz incidirá sobre a primeira mão, mas não incidirá sobre a outra, por isso verias a primeira mão mas não a segunda por a luz não incidir nesta. Agora, podes elevá-las e senti-la desta forma", e gradualmente infiltram-na na sua experiência, estão a ver? E terão que estar ali sentados por um bom bocado a pensar: "como é que vou dar a este indivíduo alguma informação que lhe permita ter a ideia de que há um roseiral para além da janela?", vêem? E gradualmente vão construindo a coisa, e diriam: "bem, para além da janela há bastante espaço. Sabes, da última vez que saíste do quarto, caminhaste bastante antes de entrar noutra porta. Bom, tudo isso era espaço e isso é ar livre, e notaste que algumas vezes te choveu em cima, etc., quando estavas em certos espaços, e isso não acontecia noutras, vês?" Percebem? E continuariam desta forma: "agora, há um grande espaço aberto lá fora da janela".

E então provavelmente descobririam: "meu Deus! A próxima coisa que vou ter que explicar a um cego é a estética da cor. Ooh! Bem, vejamos, como posso fazer isso?" vêem? "Ora, muito bem. Sejamos corajosos! Vamos fazê-lo. Vamos tentar fazer isso". Estão a captar a ideia?

E finalmente encontram-se ali, com o indivíduo ali sentado, a dizer: "sim, sabe? Sim, sim, sim. Bem, agora sei o que é um roseiral", vêem? Algo como isto. Teriam de facto comunicado alguma coisa por terem reconhecido, à partida, que estavam a falar com um cego. Mas quando falham em comunicar, é por uma razão enorme e horrível: não reconhecem que estão a falar com um cego.

E quando começamos a falar com as pessoas acerca de Cientologia, estamos realmente a falar-lhes acima do nível em que lhes devíamos falar. Alguém diz: "bem, neste Curso de PE novo, como abordamos o ARC?" Bem, não se aborda. O ARC é demasiado elevado. São dados muito avançados. Tem de se ir às bases.

Temos de lhes transmitir a ideia de um dado, e temos de lhes transmitir a ideia da compreensão de um dado, e temos de lhes transmitir a ideia de que existem dados. Temos de lhes

transmitir a ideia de que podem aprender alguma coisa. Parece incrível, mas este é o vosso apoio, é o vosso ponto de entrada.

Em seguida podemos transmitir-lhes a ideia de que há conhecimento, porque 99 por cento das pessoas com quem falamos passaram pela experiência de "a tecnologia ensinada não funciona". A maior parte delas não espera que aconteça coisa alguma mesmo que saibam a tecnologia, portanto não são capazes de dar esse empurrãozinho adicional que a faz funcionar. Quando esbarramos com fracassos é devido a isto, percebem? É esta pequena acção adicional. Eles não esperam... o que estou a tentar dizer-vos é que eles não esperam que funcione porque jamais coisa alguma funcionou. Portanto eles, realmente... não sabem realmente o que é o conhecimento.

O conhecimento é uma espécie de embuste que as pessoas pensam que é verdade, vêem? Se lhes dessem a tarefa de descrever o que é o conhecimento, arriscar-se-iam a encontrar algo como isto. Estas pessoas não sabem, pois, que existe alguma coisa para conhecer!

Olhem para a arrogância da classe médica. Eles não pensam que exista alguma coisa para saber quanto ao assunto da mente, ou do espírito, ou da cura. Eles desprezam tudo isto, eles... uuaauu! Sabem? A arrogância destes tipos! Não estão a obter quaisquer resultados, e, no entanto, acreditam que já têm tudo resolvido. Bem, de onde é que supõem que isso veio senão do latim? Imaginem iniciar alguém no manejo da mente humana fazendo-o ir a outro condado à procura de uma palavra de uma língua morta que não tem semelhança com coisa alguma de que ele tenha experiência, e dizer-lhe: "é aqui que começas o estudo do corpo humano"; e depois admiraram-se que o fulano, em última análise, esteja tão ansioso por cortar corpos humanos e matar pessoas. Pois, ele nunca faria outra coisa, estão a ver? Disseram-lhe: "isto é a tibia", e procuraram onde estava a tibia. É esta palavra no livro: *tibia*.

Na realidade, a educação está a piorar. Desesperada, a Grã-Bretanha fez recentemente uma viragem fantástica no campo da educação, sobre a qual vocês não vêem quaisquer artigos, e sobre a qual não estão provavelmente a obter muitos dados. Talvez tenham ouvido falar disto, mas eu tenho-me deparado muitíssimo com isto nas linhas, porque estava a tentar descobrir para que escola o Quentin poderia ir e o que ele teria de fazer para resolver certas coisas. Portanto, como é meu costume, pus-me em contacto com toda a gente e fiquei a saber tudo sobre o assunto.

Uma quantidade de dados interessantes estão a chover nas linhas de comunicação. As universidades britânicas não esperam, dentro de quatro anos, ter nenhum curso superior com frequência contínua de aulas. Não querem saber mais disso. Consideram isto um fracasso total e não querem saber mais disso. E dizem-nos constantemente: "você quer saber quais são as previsões de matrículas para 1968, gostaria de saber, mas há uma coisa...", disse-me um deles ou vários que "podemos assegurar é que os cursos que estão agora disponíveis para inscrição já não serão cursos em que se farão inscrições".

"Treino sanduíche" é o que eles usam actualmente em todos os domínios técnicos. Eles dizem: "as artes? Quem se interessa? Essas velhas matérias das línguas mortas etc., e os diplomas que não servem para nada, quem se preocupa com isso? Mas descobrimos que os nossos engenheiros não sabem construir pontes, e estamos mesmo a fazer alguma coisa para remediar isso, e estamos preocupados com o campo da educação, e estamos a passá-lo a pente fino".

Desta forma todas as grandes empresas, e o governo, autoridades locais e toda a gente que pode meter mãos à obra, está a pôr de parte tudo o que se pareça com a formação de engenheiros do passado aqui na Grã-Bretanha. Estão a acabar com ela em todo o lado. Descobriram que a sala de aula não era lugar para formar um engenheiro, e o futuro desta cultura depende totalmente da qualidade dos seus engenheiros. Reconheceram isto por completo, e por isso estão a reformar

toda a educação, e por volta de 1968 o aspecto nem sequer será o mesmo.

Irão à escola durante 6 meses e trabalharão outros 6. É isto o que vai acontecer ao estudante. Irá 6 meses à escola e trabalhará 6 meses, e é melhor que trabalhe no mesmo ramo em que estuda, senão não se poderá inscrever.

Deu-se um aspecto completamente novo ao campo da educação. Bem, esta é uma medida correctiva que constitui o reconhecimento do facto de que os métodos educacionais fracassaram, mas é uma medida correctiva na boa direcção, e até podemos ter tido alguma coisa a ver com ela, devido a... lembram-se? Estivemos a ensinar uma... costumávamos ensinar uma grande quantidade de professores em Londres, e era nossa a ideia da familiarização com as coisas e assim por diante. Podemos ter mais influência na evolução da cultura do que pensamos. Talvez pudéssemos sobreestimar isso, mas acho que habitualmente nós o subestimamos. Vejo muitas coisas a acontecer. No outro dia notei que estava a acontecer uma coisa ou outra que vinha directamente dos nossos compêndios.

Ah, sim. Era... alguém tinha traçado os perfis de Home e de Heath, e seja qual for o seu nome, o Sr. George qualquer coisa, seja como for, traçou o seu perfil e publicou a nossa análise de personalidade no *Guardian*, e situou estes tipos no nosso gráfico de personalidade de uma forma um tanto alterada, mas nunca pegaram numa coisa destas e a deram a alguém (típico do psicólogo em acção), nunca fizeram um teste ao pobre Home, ou a Heath ou a Wilson ou a qualquer desses rapazes, vejam, mas andaram por aí a perguntar a alguns estudantes o que estes pensavam deles e consideraram isso como o resultado, e em seguida anunciaram isso como sendo o gráfico verdadeiro dessas pessoas. Acho isso muito curioso. É uma coisa que eles só fariam no campo da Psicologia. Compreendem o que eu quero dizer? Pediram a algumas pessoas a sua opinião, se esses fulanos eram, sabem, isto ou aquilo, altos ou baixos, vêem? E em seguida anotaram o que qualquer pessoa disse, e então apresentaram-no ao público como sendo a personalidade desses fulanos. Achei isso fascinante, mas no entanto era o nosso gráfico que estava ali a saltar-nos aos olhos.

Já nos infiltrámos nessa área até ao ponto em que eles já estão nas traseiras a brincar no pátio, e nem sequer se apercebem de que nós estamos no salão a girar com os polegares. Esta é mais ou menos a situação no que se refere a domínio, conhecimento e tecnologia. Somos um grupo muito irreal para essas pessoas, e somos irreais porque um conhecimento mais profundo é irreal para elas, estão a ver? Reconhecem instintivamente que há conhecimento em qualquer parte, e quando lhes falamos reconhecem que é disso que falamos, mas é tudo numa base como que inconsciente, e então eles realmente não relacionam as coisas e sentem-se como que acossados por tudo isto, e pomo-los nervosos.

Mas com franqueza, o nosso grau de comando sobre essas pessoas é bastante fantástico. Tem quase o valor de um comando hipnótico, o que é um tanto ou quanto curioso. Reconhecem que lhes estamos a dizer a verdade, mas não são totalmente capazes de a ligar a nós, por isso as palavras que lhes dizemos quando falamos, são quase engrânicas quando as pronunciamos. É tudo muito interessante. Cientologia poderia estar nesse estado e simplesmente colocar toda a sociedade numa espécie de base de obediência sem sequer se esforçar. Mas não é isso o que estamos a tentar fazer.

A forma de levar esta tarefa a cabo é: temos que pôr a pessoa em estado de poder aprender. Esta é a forma de trazer alguém para Cientologia, vêem? Poriam a pessoa num estado em que possa aprender e mostrar-lhe-iam que há algo para estudar, e em seguida mostrar-lhe-iam que existe um corpo de informações acerca do estudo, e depois mostrar-lhe-iam que existe um corpo de informações para estudar, e é mais ou menos nesta sequência que se obtém um grande triunfo.

E vocês nunca tentaram realmente abordar a questão a partir deste ponto de vista particular. A vossa abordagem normal do indivíduo é: "podemos ajudá-lo, podemos torná-lo mais inteligente, podemos fazer isto por si, podemos fazer aquilo por si, podemos pô-lo bem". Temos tentado falar com ele e assim por diante, mas estamos a falar com alguém que não pode aprender.

Muito bem, se este indivíduo não pode aprender, pois então, certamente que não aprenderá nem sequer as palavras que lhe estamos a dizer, por isso está em estado de não-receber. Não é sequer porque estamos a falar de forma entediante ou pouco inteligente, ele apenas não recebe. Vejam, se não pode aprender em geral, então, não pode receber nem mesmo a nossa frase.

Portanto a nossa abordagem não está a falhar, ela apenas não está a alcançar. Há uma grande diferença entre estes dois pontos. Por isso, tudo quanto temos a fazer é elevar a pessoa a um ponto que a nossa abordagem alcance. Vejam, começamos por dar o primeiro passo. Levamo-la para cima até onde a nossa abordagem a alcance.

Bom, o indivíduo ficaria muito feliz por saber que havia formas de estudar, ficaria muito feliz por saber isto. Ficaria muito satisfeito por saber que havia formas de alargar os seus conhecimentos acerca do mundo, acerca das coisas.

Mas, é claro, reconhecemos imediatamente que estamos a lidar com um problema de tempo presente. Ele está a ter problemas com uma porção de coisas, e se soubesse mais sobre elas poderia manejar esses problemas. Por conseguinte, devemos estar nesse momento a colidir com um problema de tempo presente da parte da pessoa com quem estamos a falar. Estão a ver isto? Os seus problemas básicos de tempo presente têm a ver com não saber. Vejam, se ele soubesse mais sobre as mulheres não teria tantos problemas com a mulher. Quero dizer, vamos pôr as coisas de maneira tão simples quanto isto, vêem?

Mas certamente que nunca lhe ocorre que existe uma forma de aprender que ele não está a usar. Então, se ao menos ele soubesse que existe uma forma de poder aprender mais acerca de mulheres, ou de aprender mais acerca de qualquer coisa, ou se houvesse uma maneira de abordar este campo de acumular dados ou de se tornar mais versado em certos assuntos, e assim por diante, então, meus caros, ele estaria do vosso lado agora mesmo, porque estaria a aplicar os dados aos seus problemas de tempo presente, não numa base de processamento directo, mas apenas numa base de doutrinação directa.

Vocês dizem-lhe: "bem, há alguma coisa que possas fazer em relação à tua vida. Há alguma esperança para ela".

"Porquê?"

"Bem, podes descobrir mais sobre ela".

"Ai sim?"

Vejam, não é: "podes tornar-te mais inteligente" ou outra coisa dessas, mas apenas: "podes descobrir mais sobre o que se passa na tua volta".

"Ah, posso? Que interessante! Olha lá! Como se descobre isso?"

"Bom, há técnicas, várias técnicas para aprender mais acerca das coisas, que são muito surpreendentes, muito surpreendentes, e assim por diante. Uma delas é observar".

"Ai sim?"

Ora, estão a ver até que ponto isto se torna fundamental? Observem. Vocês pensam que têm de ser espertos para ensinar a alguém alguma coisa como esta. Não, sejam apenas óbvios;

observem. Se observarem uma coisa...

"Pois, pois, dizes... dizes que queres saber mais acerca da tua mulher? Muito bem. Pois, aí está um bom exemplo. Ora bem, alguma vez te ocorreu observar a tua mulher?"

"Não!"

"Está bem. Então digo-te o que vais fazer. A tua primeira lição de aprender alguma coisa sobre o estudo é aprender a observar. Aprender como olhar para uma coisa. Apenas isto. Muito bem, como se olha para uma coisa?"

Bom, deixem-no deleitar-se com isso, meus caros. Como se olha para uma coisa? Com os diabos, olhando para ela! É a resposta, e é a resposta que ele acabará por encontrar. Mas como é que ele olha para uma coisa? Bem, olha para ela, percebem, e este será o seu problema do dia, vêem? Ele pensaria que havia truques para olhar para as coisas. Olha-se para elas através de óculos de diversas cores, sabem? Olha-se entortando os olhos? Usam-se os globos oculares? Toda a espécie de coisas. Deixem-no resolver isso. Como se observa uma coisa? Pois, deixem-no inventar sistemas de observação. Se ele quer saber mais e ter menos problemas com a mulher, então, é melhor que aprenda a observá-la.

Ora, esse seria, portanto, um método primário de manejar os seus assuntos pessoais e a sua vida particular. Isso está mesmo aí, mesmo no meio da Rua Principal. Ele ficaria a saber toda a espécie de coisas que nunca lhe ocorreram. Ele pressupôs que está a ocorrer observação, estão a ver? Vocês pressupuseram isso. Dizem: "duas pessoas vivem juntas, portanto olham uma para a outra".

A única vez que a mulher olha para ele é quando ele chega a casa com uma mancha de batom. Ela vê o batom... põe-o nos lábios constantemente. De facto, foi ela quem lhe pôs essa mancha de manhã quando ele saiu para o trabalho, mas esqueceu-se disso e agora tem motivos justificados para um divórcio. Ele regressou a casa com uma mancha de batom na cara. Durante todo o dia ninguém lhe disse que tinha batom na cara, vêem? Mas ela pode observar o batom na cara dele. Produto final.

Falando de observação, em qualquer grande cidade podemos fazer os truques mais loucos para provar a ausência de observação que alguma vez puderam imaginar. As coisas mais loucas passam despercebidas nas grandes cidades. Inacreditável.

Eu próprio costumava fazer uma partida com isto. Costumava fazer uma partida muito divertida com isto; era bem sucedida de muitas formas. Pois, costumava dizer a uma rapariga... se eu fosse a descer a Broadway, próximo da Rua 42, podiam sempre contar comigo para dizer à rapariga que me acompanhava, vejam: "Sabes que os nova-iorquinos nunca vêem nada?"

"Oh, não!"

"Oh, sim, pode-se fazer praticamente tudo. Quero dizer, um fulano pode cair morto aqui, alguém pode tirar uma pistola do bolso e matar outra pessoa a tiro e os transeuntes nem sequer farão uma pausa no seu caminho. Teria que se bloquear activamente todo o passeio se houvesse uma luta em curso, só paravam se o passeio estivesse bloqueado a ponto de não poderem avançar, então detinham-se e eventualmente observavam a luta. Pode-se suscitar curiosidade bloqueando o passeio e olhando para cima, mas terá que se bloquear o passeio antes de se olhar para cima, e em seguida elas também olham para cima. Mas é muito, muito divertido... mas eles nunca vêem coisa nenhuma. Não nos prestam atenção. Se não se bloquear totalmente o passeio, nunca darão por nada.

"Oh, não acredito!"

Estão a ver, pegam numa rapariga do campo, ou uma coisa assim. "Sabes que poderia beijar-te aqui mesmo, à esquina da Rua 42 e da Broadway, e nem uma única pessoa nos deitaria um olhar".

"Não acredito!"

"Muito bem. Vou provar-to!" Sim! Nunca falhava, nunca falhava. Era uma técnica maravilhosa. Haverá uma "gorja" para qualquer dos jovens presentes que experimente isto.

Seja como for, a realidade é que tomamos algumas palavras banais como *observação ou inspecção ou familiaridade*, vejam, palavras muito banais, e podem-se de facto formar montanhas de palavras destas. Tornam-se muito, muito surpreendentes na verdade. E quando estamos a ensinar isto a alguém, o que queremos é pegar no que é óbvio e expandi-lo. Não exageramos ao ponto de lhes dar todos os... bem, agora estamos ao volante. Dispomos da tecnologia de educação, estão a ver? Está contida nestas conferências e assim por diante. Nem sequer tem havido muito a acrescentar-lhe. Parece estar bastante completa.

Agora vão dizer: "bem, é suposto eu ensinar educação a alguém, hem?" Oh, não, não, não meus caros. Não é suposto ensinarem a alguém a vossa tecnologia de educação. Ensinemos-lhes o aspecto introdutório da educação. E qual é? "Como se aprende acerca das coisas?" Bem, podem sentar-se e fazer esta pergunta a vocês mesmos.

Bem, como se aprende *de facto* acerca das coisas? Bem, olhando para elas, tocando-as, ouvindo falar sobre elas, lendo livros sobre elas, vendo com o que se relacionam. Poderiam expor isto com muita facilidade, mas naturalmente que retiram disso coisas como "tocar" e "observar" e assim por diante.

Bom, se essa é a análise que fazem da vossa muito, muito elementar e introdutória abordagem à aprendizagem, vejam, se essa é a análise que fazem, apercebem-se de que todas essas coisas se podem aplicar a *todos* os problemas que qualquer pessoa encontra no Nível 0 ou Nível 1. Podem dar toda a espécie de informações gratuitas acerca de todo o tipo de coisas gratuitas que estão a surgir em relação a isto. Olhemos para isto.

Por isso então não vos compete a vocês dizer: "bem, vamos ensinar Cientologia a este fulano. Bem, existe uma coisa chamada ARC. Isto é Afinidade, Realidade e Comunicação, e formam um triângulo, e assim por diante e assim por diante...".

"Onde estou? Que.. que se passa?" vêem? Bem, ele não sabe que existe conhecimento algum lugar que ele não conhece. Essa é uma das primeiras coisas que ele não sabe. Pensa que tudo no mundo já foi descoberto. Ignora que a sociedade é de algum modo deficiente.

Portanto, o que temos que enfrentar em Cientologia não é realmente a maldade da sociedade, nem a obstinação da sociedade, nem a sua ausência de vontade de ser ajudada, nenhuma destas coisas. Nem sequer é a ignorância da sociedade. O que na verdade enfrentamos é a tecnologia de estudo incorrecta da sociedade, que impede as pessoas de aprender aquilo de que falamos, e impede-as de aprender que há mais coisas para saber; uma tecnologia que atrofia o intelecto, que congela o indivíduo na não-compreensão seja do que for, que o põe num tal estado de cabeça dura como nunca ninguém deveria ser posto.

Por outras palavras, estamos a falar com um indivíduo atrofiado, até mesmo ossificado, que foi cuidadosa e sistematicamente, embora de forma accidental e sem intenção, destruído desde o primeiro dia em que se sentou nos joelhos da mãe e lhe perguntou: "Mamã, o que é um gato?"

E ela respondeu-lhe: "Não me aborreças agora".

"Vejamos. Gatos são: não-me-aborreças-agora". Ele é o produto de um sistema educacional que o ameaçou de ser encostado à parede socialmente e de ser fuzilado com todas as metralhadoras da sociedade se não obtiver Muito Bom em cada disciplina e se não se formar com a melhor classificação da sua classe, quando ele nem sequer sabia o que significava a palavra *escola*.

Tudo tem militado, tudo tem funcionado, contra que este indivíduo se torne alguma vez mais esperto ou mais educado, e agora vocês esperam apresentar um grande corpo de conhecimentos que este indivíduo acolha de braços abertos.

Bem, em primeiro lugar, para começar, deitaram-no abaixo quanto ao assunto do estudo, e isto só significaria mais estudo para ele. Além disso, vocês não podem existir, visto que todas as matérias de estudo são más porque se é fuzilado se não se souberem, ou alguma coisa tão estranha como esta estará a passar pela sua cabeça. Por outras palavras, a linha de comunicação está bloqueada. Em que é que está bloqueada? Está bloqueada no estudo. Portanto isto é o estudo na disseminação.

E percebem que o próprio estudo é uma excelente ferramenta de disseminação, e que funcionaria como um relâmpago? E tenho a certeza de que, se começarem a usar isto, as pessoas se sentirão atraídas mais depressa do que imaginam.

E eu apenas quero fazer um pequeno aviso quanto a isto: que não se tornem excessivamente estudosos acerca do estudo na vossa abordagem do assunto. Peguem apenas nos pontos muito óbvios do estudo e façam deles pontos muito estudosos, porque não faz mal ser muito estudosos acerca do óbvio. Uma pessoa pode mesmo assim compreendê-lo. Estão a perceber?

Uma pessoa, quer que as coisas formem uma tremenda torre de complexidades sobre este assunto. Bem, deixem a pessoa construir a torre, no que toca à observação, até que ela chegue ao céu. Não vai chegar a lado nenhum senão à observação, não é? Ela vai perceber, em última análise, que se observa observando. Esta é a conclusão final que terá que alcançar. Por mais sistemas que ela desenvolva para observar, acabará por chegar a essa conclusão.

A pessoa não pode deixar de aprender coisas, e aprender coisas acerca de aprender, se observar as coisas. Portanto, tem-se um ponto geral e fabulosamente simples deste género com o qual, se for bem exposto e compreendido, se obterá de repente um tremendo acordo. E ter-se-á esse pequeno: "ena! Quem diria?" sabem? "Que está... sim! Sim! Se eu observar a minha mulher... ah, sim! Que *está* ela a fazer? Qual é de facto o seu aspecto quando falo com ela? Pois, tenho que verificar isso". E pela própria familiaridade resultante de alcançar e retirar ao observar a mulher, ele teria menos problemas com ela. Tornar-se-ia mais familiar com ela, compreendê-la-ia melhor. Estamos a falar com pessoas que se retiraram totalmente da vida.

O estudo, é claro, é um dos melhores métodos para as levar a sair disso.

Muito obrigado.